

# ORDEM DAS PALAVRAS E OS ADVÉRBIOS DITOS MONOSSILÁBICOS ÁTONOS

Flávio Martins de ARAÚJO (Universidade Federal de Santa Catarina)

**ABSTRACT:** *The main goal of this paper is to provide a description of the configurations in which non-tonic monosyllabic adverbials can be found in Brazilian Portuguese. In order to achieve this result, some native speakers were asked to choose word order and intonational patterns to record controlled sentences and the pitch contours of these sentences were examined.*

**KEYWORDS:** *word order, monosyllabic adverbials, interface syntax-prosody*

## 0. Introdução

Este trabalho trata dos advérbios ditos monossilábicos átonos (doravante Adv.M.A.), buscando descobrir qual a configuração ideal para estas palavras em Português Brasileiro (doravante PB). Procurar-se-á confrontar os dados obtidos com as análises de Costa (1998) e Menuzzi & Miotto (2006) para que se possa decidir qual delas pode ser assumida para o PB.

As duas análises tomadas em consideração para o presente trabalho entram em choque quanto ao seu posicionamento para com as sentenças em (1):

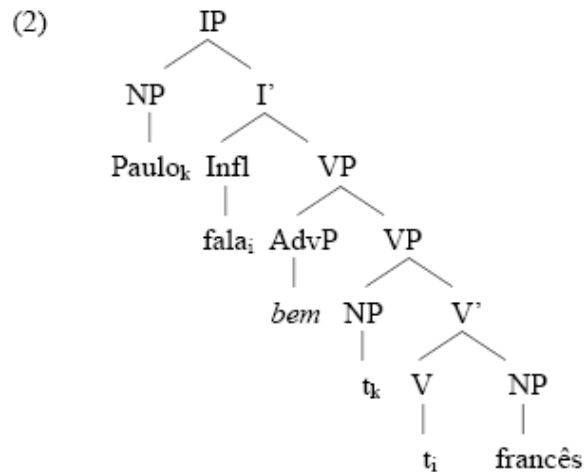
- (1) a. — Que língua o João fala bem?  
— O João fala bem inglês.
- b. — Como que o João fala inglês?  
— O João fala inglês bem.

Para Costa (1998) a distribuição do Adv.M.A. tem uma motivação prosódica que está totalmente ligada à configuração sintática, revelando uma relação íntima entre sintaxe/prosódia. Já para Menuzzi & Miotto (2006), essa distribuição é devida a uma maior autonomia da prosódia frente à sintaxe.

Por hipótese, os Adv.M.A. são elementos não acentuados de uma única sílaba. Tem-se questionado se de fato estamos frente a um elemento monossilábico e se de fato ele é átono. Que se trata de um elemento monossilábico parece indiscutível, mesmo que esta seja uma sílaba pesada – no caso de *bem*, uma sílaba que comporta não apenas a nasalização mas ainda a ditongação, frequente na língua falada. A parte realmente questionável da discussão é se eles são de fato não acentuados. Observe-se, porém, que se se admite para eles algum tipo de acento, é necessário diferenciá-lo do acento que recebem advérbios como *já* ou *lá*, razão pela qual mantemos aqui que *bem* e *mal* são fundamentalmente átonos.

## 1. Discussão Teórica

Cinque (1993), numa interpretação bastante sintática da fonologia métrica, hipotetiza que o acento sentencial é atribuído ao elemento passível de receber acentuação que estiver na posição mais encaixada da sentença, do lado recursivo da língua. Porém, há um problema com esta hipótese, que foi levantado por Cinque (1995, *apud* Costa, 1998: 102): o advérbio dito monossilábico átono, por não ter peso fonológico suficiente, não poderia figurar na posição final da sentença e, exatamente por ser átono, não poderia carregar o acento frasal. No entanto, não é isso o que se observa empiricamente: em certos casos, o advérbio em posição final, recebendo portanto o acento sentencial, dá lugar a uma sentença perfeitamente gramatical, como (1b) acima.



A hipótese de Costa (1998) para explicar esse fato surpreendente começa supondo que os advérbios baixos, dentre os quais os advérbios ditos monossilábicos átonos, têm como posição de base a posição de adjunção à esquerda do VP, mas não a posição de adjunção à direita, como vinha sendo aceito anteriormente. Para Costa, a representação frasal relevante pode ser vista em (2) abaixo:

Se a representação de base é esta, o Adv.M.A vai estar sempre precedendo todo material que estiver dentro do VP. Apenas quando houver movimento de todos os elementos para fora do VP o Adv.M.A vai figurar em posição final. Para Costa, este é um caso de interação entre sintaxe, o discurso e a prosódia.

Dada uma situação discursiva na qual a informação nova é veiculada pelo advérbio – por exemplo, quando o contexto é (1b) –, é sobre o advérbio que deve cair o acento sentencial. Para Costa, essa é a única situação em que o Adv.M.A pode figurar em posição final da frase. No entanto, a configuração final (a que se vê na resposta a (1b)) é obtida não por movimento do advérbio para a direita (já que, por hipótese, os advérbios não se movem), mas por movimento do verbo e do objeto para a esquerda. Assim, a regra de distribuição de acento sentencial coloca sobre o advérbio o último asterisco de acento. Observe que, se esse é o caso, existe pelo menos um movimento na sintaxe, o do objeto, que se faria por razões de interface: para que o elemento que é o foco informacional da sentença esteja na posição de acento sentencial.

Se esta é a melhor análise para o caso do Adv.M.A em posição final, deve haver alguma evidência empírica que mostre que o objeto não está na posição interna ao VP. Os argumentos de Costa (1998) para o português europeu (doravante PE) são os seguintes: (a) a possibilidade de *parasitic gaps* quando o objeto precede o advérbio, mas sua impossibilidade quando o objeto segue o advérbio e (b) a impossibilidade de *scrambling* de *small clauses* e APs predicativos por sobre o advérbio.

No entanto, mostrar que há *scrambling* do objeto em PE para a obtenção da ordem V-Objeto-Advérbio não exclui ainda a possibilidade de adjunção à direita para o advérbio. Tentando confirmar que o Adv.M.A. deve ser adjungido à esquerda do VP, Costa (1998) faz uso da construção com um PP complemento, concluindo daí que o Adv.M.A. só pode ser adjungido à esquerda do VP e que a configuração [V Compl Adv] só pode ocorrer através de *scrambling* do objeto para fora do VP. Pode-se dizer ainda que, para o autor, se houver uma marcação prosódica mais pesada ou se o Adv.M.A. for ramificado, ele poderá figurar na posição final da sentença em PE.

Menuzzi & Mioto (2006) entendem que não é necessário este conjunto de asserções para a análise da posição dos Adv.M.A., pois assumindo a teoria tradicional de adjunção ao VP, que permite tanto a posição à direita quanto a posição à esquerda para o advérbio, ele naturalmente poderia aparecer na posição final sem qualquer movimentação adicional do objeto.

Para Menuzzi & Mioto (2006), não está correto afirmar que o Adv.M.A. aparece em posição final somente quando recebe, por exemplo, o acento de foco da sentença; segundo estes autores, em PB esses advérbios podem estar localizados após o complemento, figurando portanto em posição final, sem acento especial, quando o sujeito é foco em uma sentença encaixada, como nos exemplos abaixo, extraídos de Menuzzi & Mioto (2006: 9):

- (3)A: — Você sabe de alguém que fale francês?  
 B.i: — Já ouvi dizer que a MARIA fala francês bem.

ii: — ?Já ouvi dizer que a MARIA fala bem francês.

Para Menuzzi & Mioto (2006) também é possível que estes advérbios figurem na posição final de sentenças como (1b) mesmo quando o foco está sendo direcionado para o complemento.

Menuzzi & Mioto (2006) também afirmam que em PB não é necessário argumentar pela existência de *scrambling* do objeto para explicar a posição final do advérbio; os autores utilizam-se dos mesmos argumentos apresentados por Costa (1998) para defender a não existência desse movimento em PB, língua em que é impossível licenciar *parasitic gaps* nos contextos utilizados por Costa (1998) mas o *scrambling* de SCs e APs é gramatical.

Como a posição de Menuzzi & Mioto (2006) é a de que há uma maior autonomia para a prosódia frente à sintaxe, estes autores assumem que a posição final do Adv.M.A. pode ser derivada sem problemas desde que a organização dos sintagmas fonológicos seja tal que o advérbio se ligue a algum sintagma fonológico já existente, como, por exemplo, “fala inglês” em (1b). Para esses autores o que não permite o aparecimento do Adv.M.A. em posição final é sua falta de peso fonológico (medido em termos de número de sílabas) para figurar como um sintagma fonológico independente.

É importante notar que Menuzzi & Mioto (2006) concluem suas observações sobre a posição do Adv.M.A., em PB, afirmando que não é necessário que para ele ocorrer em posição frasal final haja *scrambling* do objeto e adjunção à esquerda do VP, pois não é necessária uma configuração sintática tão marcada para que isso ocorra. Os autores também não excluem a possibilidade de haver *scrambling* e adjunção à esquerda; porém, afirmam que nem a teoria de Cinque (1993), nem o comportamento dos Adv.M.A. justifica uma hipótese tão custosa e a construção de argumentos satisfatórios para prová-la.

A este ponto é razoável perguntar que contribuição a fonética acústica e a fonologia entoacional podem dar a esse debate. Segundo Nooteboom (1997), *pitch* é o correlato perceptual da frequência fundamental ( $f_0$ ), medido em Hz; essa frequência é determinada pelas vibrações das cordas vocálicas. Cada falante possui um *pitch* próprio e também tem certo controle sobre a realização do *pitch*. Sabe-se que o *pitch* é o principal correlato do acento frasal; no entanto, sabe-se também que o contorno de *pitch* da sentença determina numa larga medida a sua modalidade e, assim, é possível que em certas partes da sentença o acento de *pitch* não seja o espelho do acento lexical, caso em que outros correlatos físicos devem ser buscados para revelar qual elemento da sentença possui maior proeminência.

Além disso, para que o falante perceba um acento de *pitch* não é necessário que estejamos frente ao valor mais alto de frequência da sentença, isto é, seu valor absoluto, mas basta que naquele ponto do enunciado haja uma diferença perceptível entre os valores (de mais de 10% dizem os estudiosos; cf. Nooteboom (1997: 644-5)). É ainda interessante ressaltar que também o ponto da curva de *pitch* que aparece em uma frequência mais baixa que o restante da sentença pode ser seu ponto mais proeminente.

Com respeito ao problema do acento sentencial, foco da discussão de Costa (1998) e Menuzzi & Mioto (2006), é bastante provável que a análise apenas do contorno de *pitch* não forneça indícios confiáveis de sua posição, caso em que os outros correlatos físicos do acento, a duração e a intensidade, devem ser pesquisados. Lembremos, porém, que sob o ponto de vista perceptual, é muito difícil para o falante/ouvinte separar intensidade (volume) do *pitch*, visto que é bastante comum que eles apareçam juntos, mimetizando um ao outro. Por outro lado, como a duração pode ser medida através de espectrografia, este é um segundo correlato em grau de eficiência quando se trata de encontrar o acento frasal pelo exame empreendido pela fonética acústica.

## 2. Metodologia

Com o objetivo de construir uma base empírica para decidir entre as posições teóricas que apresentamos, idealizou-se um experimento dividido em duas partes: a primeira era constituída por seis perguntas que forneciam o contexto para as duas respostas possíveis para cada pergunta, cada uma com uma ordem: [V Adv Complemento] ou [V Complemento Adv], ora com o acento frasal no complemento, ora no Adv.M.A, como se vê em (4) e (5):

(4)— Como é que o João fala francês?

- a. — O João fala francês bem.
- b. — O João fala bem francês.

(5)— Que língua o João fala bem?

- a. — O João fala bem francês.
- b. — O João fala francês bem.

A segunda parte do experimento consistia em apresentar em papel impresso uma estória que criasse um contexto para as entrevistadas produzirem a resposta da maneira como falariam normalmente, deixando para elas a escolha entre a configuração [V Adv Complemento] ou a configuração [V Complemento Adv]. No entanto, com o intuito de evitar a produção de respostas incompletas, vinha já impresso o início da resposta que deveria ser produzida; as falantes, assim, deveriam apenas completar com a ordem Complemento/Adv ou Adv/Complemento, conforme sua escolha, como em:

(6) Durante uma aula um professor entra na sala e pergunta: “Tem alguém aqui que fale inglês ou alemão bem?”. Sabendo que o João é bom de inglês você responde:

R: O João fala... [aqui as falantes deveriam completar com a própria escolha]

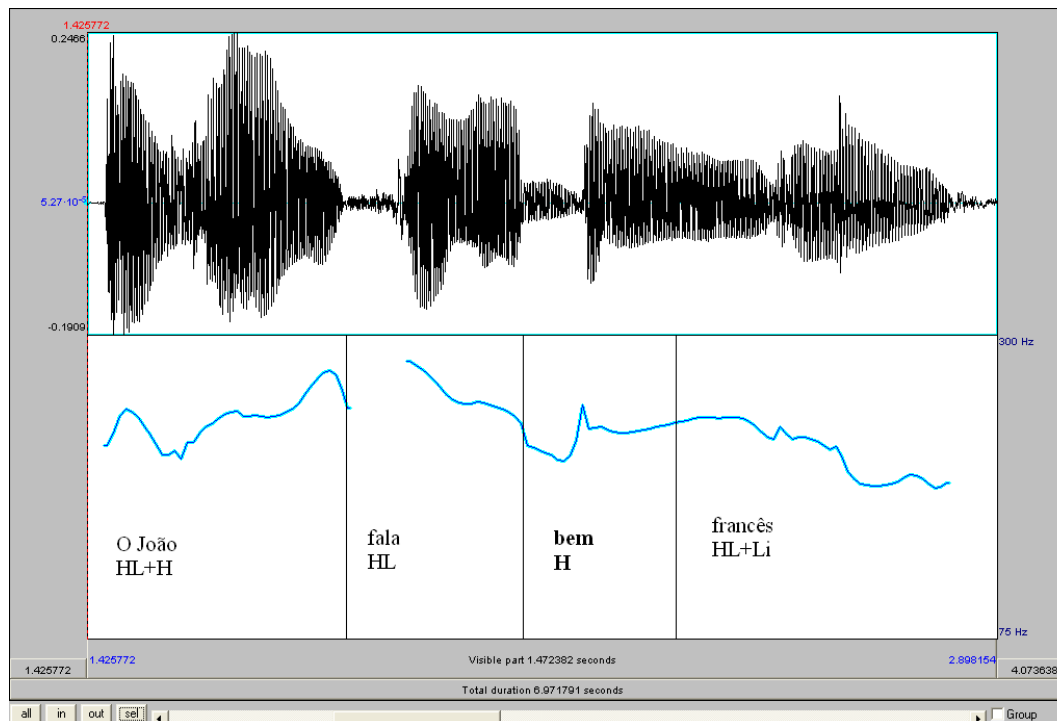
Depois de feitas as gravações, computou-se um total de 128 sentenças, sendo 32 para cada falante. Para análise serão utilizados parte dos dados da primeira parte e outra parte das sentenças produzidas na segunda parte. Cumpre lembrar que estes experimentos foram idealizados e já haviam sido feitos em parte por Veppo (2006), cujos resultados também serão analisados aqui a título de comparação.

### 3. Resultados dos experimentos

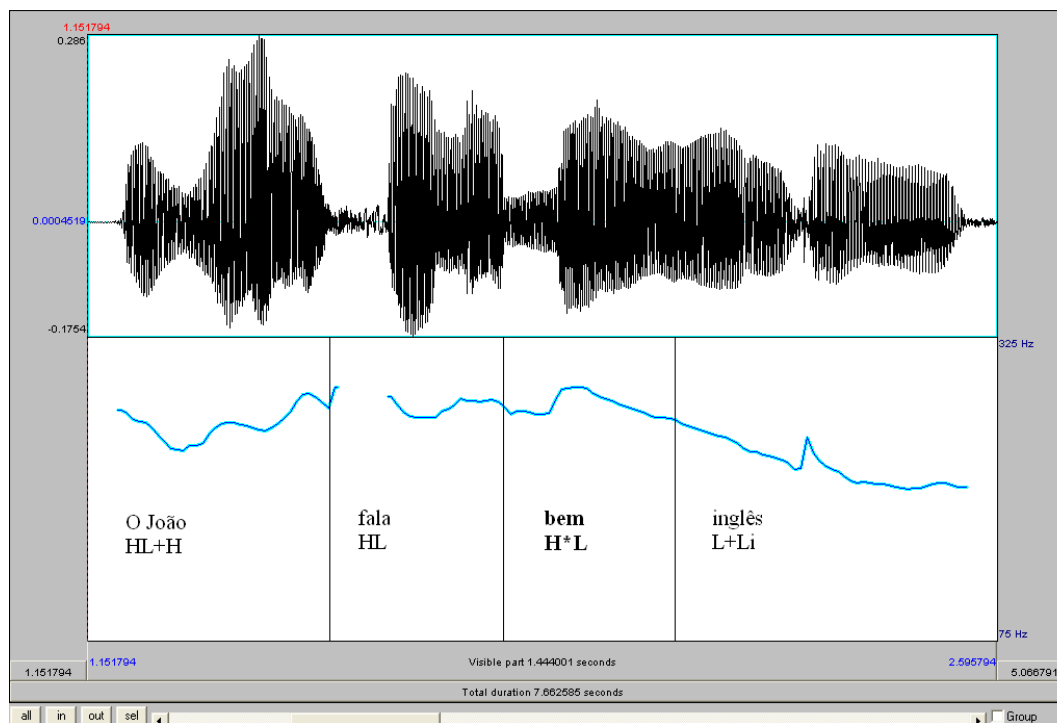
Com o intuito de acrescentar novos fatos à discussão de Veppo (2006), ficou decidido que seriam analisadas neste trabalho as realizações das sentenças feitas pela escolha das falantes como resposta à pergunta em (6), apesar da diferença lexical dos complementos – *francês* em Veppo (2006) e *inglês* em (6).

A primeira coisa a ser notada é que a preferência das falantes foi pela construção [V Adv Complemento] para uma resposta onde a informação nova é o Adv.M.A. Para o advérbio foram encontrados três eventos tonais diferentes: um **H**, um **H\*L** e outro **L**, mostrados em (7), (8) e (9):

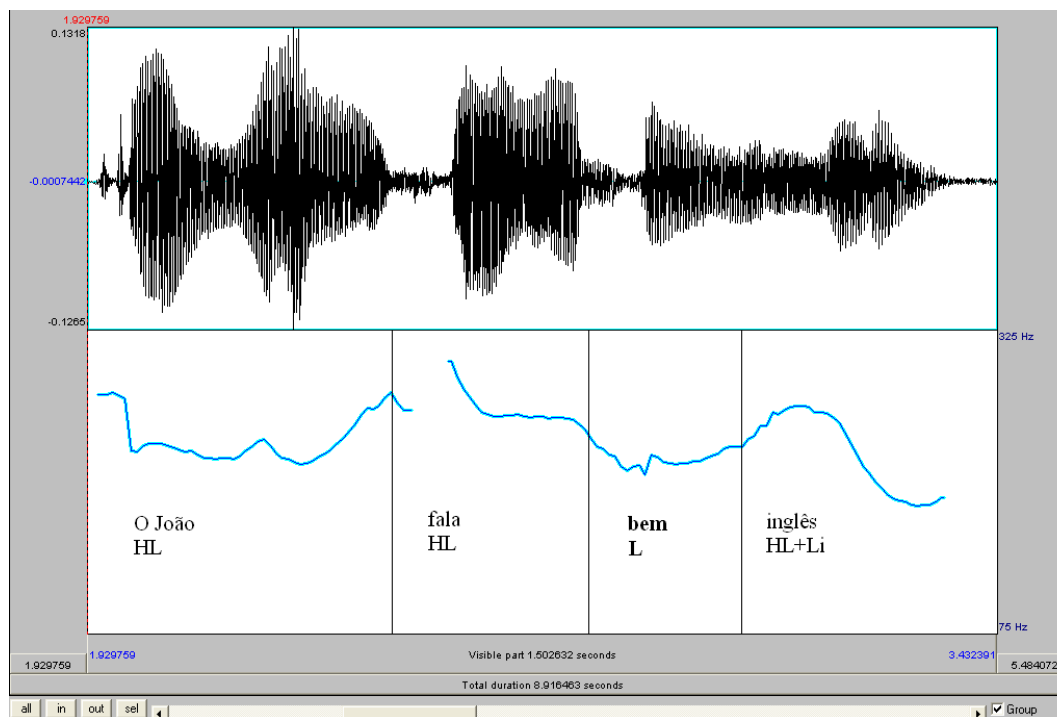
(7) *O João fala bem inglês* como resposta à pergunta em (6), evento tonal **H**



(8) *O João fala bem inglês* como resposta à pergunta em (6), evento tonal **H\*L**



(9) *O João fala bem inglês* como resposta à pergunta em (6), evento tonal **L**



Um primeiro exame nas curvas de *pitch* mostradas acima permite perceber que o Adv.M.A. recebe o acento sentencial apenas em (8), sendo este inclusive o ponto em que a curva de *pitch* alcança o

valor mais alto da sentença. Não há muitas outras considerações diferentes das de Veppo (2006) para serem feitas a partir do exame das curvas de *pitch* das sentenças consideradas.

Há, porém, a necessidade de dizer que se nota uma preferência das falantes na utilização da ordem [V Adv Complemento], mesmo que o Adv.M.A. esteja portando o acento sentencial. Com um fato como esse se pode dizer que a análise proposta por Costa (1998) fica desfavorecida, pois pode ser notado que mesmo sendo o elemento mais proeminente da sentença o advérbio não figura na posição final. Assim, fica favorecida a análise de Menuzzi & Mioto (2006) na qual a fonologia faz a atribuição do acento sem determinar qualquer alteração adicional na configuração sintática.

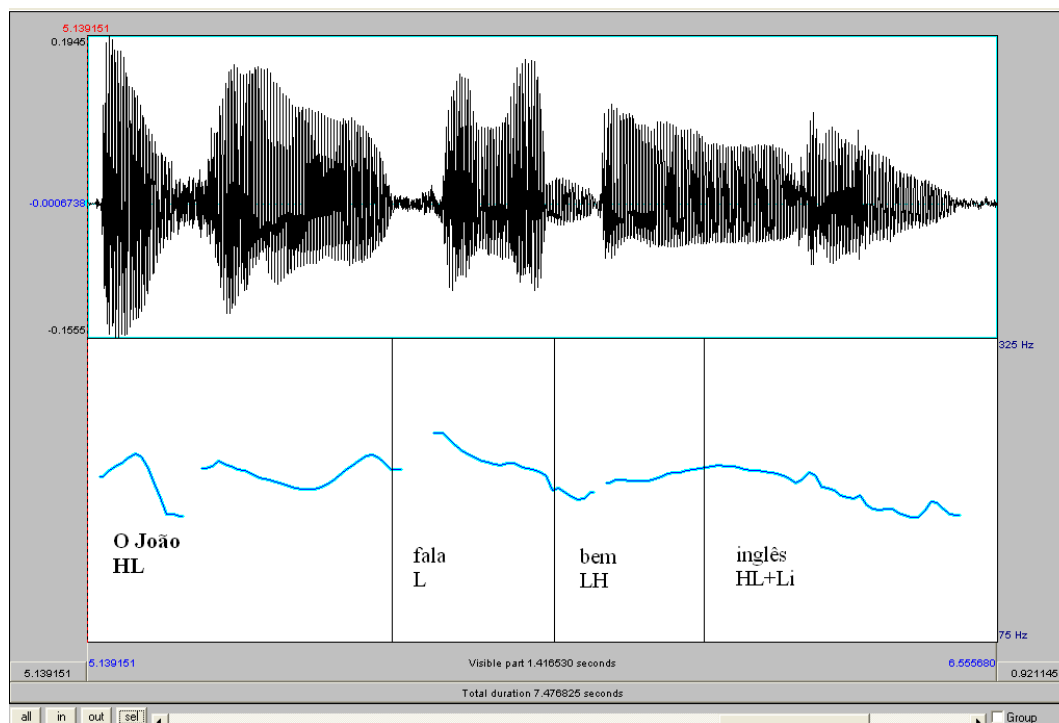
Com a intenção de confirmar se realmente a ordem [V Adv Complemento] é a preferencial para o posicionamento do Adv.M.A. decidiu-se fazer a análise de mais um grupo de sentenças. Essas novas sentenças privilegiam a distribuição do acento para o sujeito, pois ele é a informação nova. A sentença a ser verificada é a resposta em (10) abaixo:

(10) Durante uma aula um professor entra na sala e pergunta: “Tem alguém aqui que fale inglês ou alemão bem?”. Sabendo que o João é bom de inglês você responde:

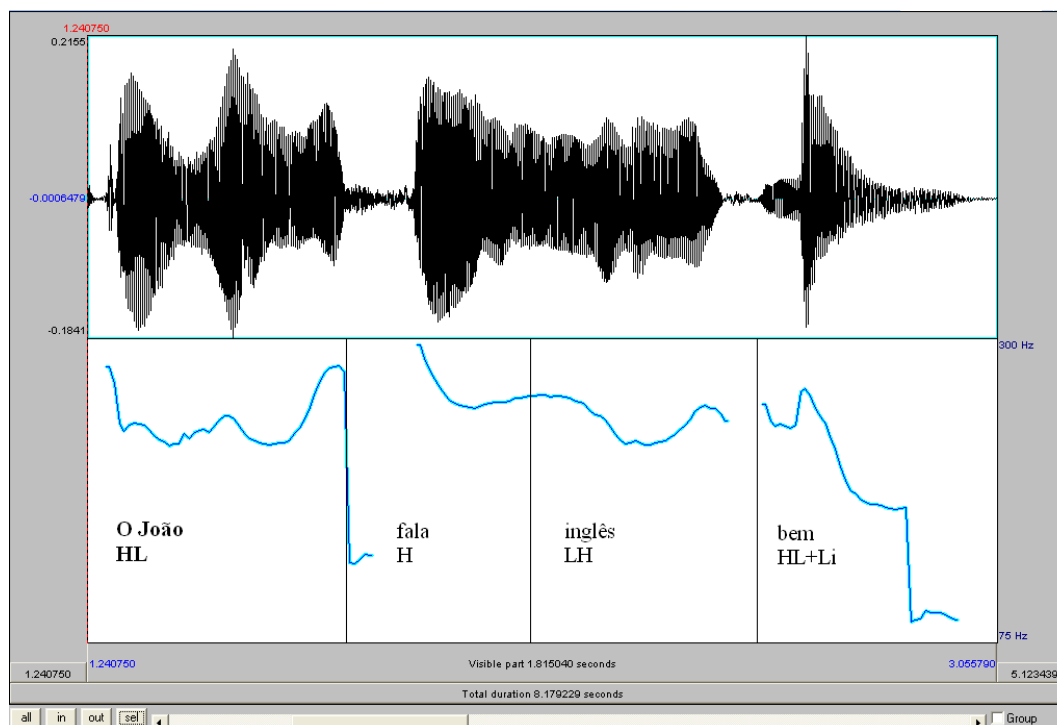
R: O João fala... [aqui as falantes deveriam completar com a própria escolha]

Como resposta a (10) ocorreram escolhas de configurações diferentes: duas das falantes utilizaram a ordem [V Adv Complemento] e as outras duas a ordem [V Complemento Adv]. Algo importante para notar nessas configurações é elas terem acento de foco no sujeito; portanto, neste contexto não se estará olhando para o Adv.M.A. figurando em posição final da sentença e portando o acento frasal, mas sim, será observado se o Adv.M.A. pode figurar nessa mesma posição sem carregar o acento. Observe em (11) e (12) abaixo as curvas de *pitch* de cada uma das configurações:

(11) *O João fala bem inglês* como resposta para o contexto em (10)



(12) *O João fala inglês bem* como resposta para o contexto em (10)



Pode-se notar no exame das curvas de *pitch* que a frequência maior está na sílaba acentuada de *João* e que a partir da primeira sílaba de *fala* a curva começa a decair, subindo um pouco antes da última palavra e em seguida descendo, no caso de (12) bruscamente. Para o contexto (10), que dá ensejo às respostas em (11) e (12), não se nota uma regularidade na forma como as falantes escolhem a ordem nas respostas. Porém, é possível afirmar que em PB o Adv.M.A. pode figurar ao final de uma sentença sem portar acento, desfavorecendo uma vez mais a análise de Costa (1998) na qual o advérbio apareceria nesta posição somente para receber o algum acento.

#### 4. Considerações Finais

Seguem-se agora algumas conclusões:

1 – Segundo Costa (1998), a melhor configuração frasal para o Adv.M.A. receber o acento sentencial é aquela em que ele figura na posição final da sentença; para isso o autor propõe a ocorrência de *scrambling* do DP objeto para uma posição à esquerda do advérbio, em PE. Sabe-se que essa análise poderia também ser estendida para o PB. Mas como ficariam os casos em que o advérbio precede o objeto e é acentuado?

Costa (1998) afirma que a posição final seria a melhor no caso de acento informacional no advérbio, porém, na pesquisa feita para este trabalho percebeu-se que as falantes preferiram a ordem [V Adv Complemento] quando acentuaram o advérbio. Assim, percebe-se que a análise de Costa (1998) parece não estar correta para o PB.

2 – Observou-se também a ocorrência da ordem [V Complemento Adv] quando nem o complemento, nem o advérbio receberam algum tipo de acento, o que nos faz crer que, em PB, é perfeitamente possível que o Adv.M.A. figure em posição final de sentença sem a necessidade de portar acento.

3 – Pode-se afirmar que através da análise do experimento criado para esta pesquisa mostrou-se, ao menos para o PB, não ser necessária a existência de uma configuração sintática especial para que o Adv.M.A. possa figurar na posição final de uma sentença e receber o acento sentencial, pois foram obtidos dados que confirmam esta possibilidade, já aventada por Menuzzi & Miotto (2006).

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é fornecer uma descrição das configurações em que um advérbio monossilábico átono pode ser encontrado em português brasileiro. A fim de obter este resultado, alguns falantes nativos gravaram sentenças em que diferentes ordens de palavras e padrões entoacionais podiam ser escolhidos, e os contornos de *pitch* dessas sentenças foram examinados.

PALAVRAS-CHAVE: ordem das palavras; advérbios monossilábicos; interface sintaxe-prosódia

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CINQUE, G. A null theory of phrase and compound stress. *Linguistic Inquiry* 24, 1993. pp.239-298.  
COSTA, J. *Word order variation – A constraint-based approach*. The Hague: Holland Academic Graphics, 1998. MENUZZI, S. & MIOTO, C. *Advérbios monossilábicos pós-verbais no PB: sobre a relação entre sintaxe e prosódia*. Manuscrito submetido à Revista de Estudos da Linguagem, 2006.  
NOOTEBOOM, S. The prosody of speech: melody and rhythm. In: Hardcastle, W. J. & Laver, J. *The handbook of phonetics sciences*. Massachussets: Blackwell, 1997,pp. 640-643. VEPPPO, G. *Ordem das palavras: advérbios monossilábicos e a interface sintaxe/prosódia*. Relatório Final da Bolsa IC 2004-2005, CNPq, Florianópolis, 2006.